

# ABDIAS NASCIMENTO: UMA UTOPIA POSSÍVEL

Um artista cuja história revela um agente produtor de sentidos que desloca e desinterioriza o sujeito frente ao espelho do seu tempo.

Ângelo Flávio<sup>1</sup>

Artista de múltiplos talentos, ator, diretor, dramaturgo, artista plástico e ensaísta, Abdias Nascimento (1914-2011) foi senador, secretário de estado, Professor Emérito da Universidade de NY e Doutor Honoris Causa pelas Universidades de Brasília, Rio de Janeiro e Federal da Bahia. Dedicou toda a sua existência à luta anti-racista no mundo. Homem de postura cívica e cidadã na participação da vida político-cultural do que temos hoje como Brasil. A cultura brasileira e, especificamente a afro-brasileira no contínuo processo de afirmação da sua identidade frente à cultura globalizada deve a este homem honrarias incontestes pelo poder de ter questionado o imperativo das representações simbólicas da nação brasileira canonizado no ideário do colonizador macho-branco-europeu.

Nascido na Cidade de Franca, interior de São Paulo, no dia 14 de março de 1914, Abdias Nascimento, filho do sapateiro senhor José Ferreira do Nascimento e da cozinheira dona Georgina Ferreira do Nascimento (D. Josina), veio ao mundo em uma época tumultuada, como ele mesmo dizia: *“Havia ainda o rescaldo das lutas abolicionistas, e a grande massa de africanos escravizados não tinha tido tempo de tomar pé de suas próprias vidas”*<sup>2</sup>.

Aos 16 anos, em 1930, mente a idade e alista-se no exército para sair da cidade de Franca rumo à Capital de São Paulo. Na Revolução de 1932, passa a frequentar as reuniões da frente negra, *“foi nesse princípio de militância orgânica que pude começar a sentir e a entender o orgulho coletivo, porque o orgulho individual,*

<sup>1</sup> Ator e bacharel em direção teatral.

<sup>2</sup> SEMOG, Elé. *Abdias Nascimento: o griô e as muralhas*. p. 30.



que também é necessário, eu já tinha”<sup>3</sup> lembrava-se. Na mesma década lutou contra a ditadura no seio do Estado Novo, organizou o Congresso Afro-campesino e viajou para o Peru, com o grupo de poetas e artistas a Santa Rosa Hermandad. Por esta ocasião, ficou chocado, ao ver o ator Hugo D’Evieri pintado de negro na peça *O Imperador Jones* de Eugene O’Neill e, diante disso, retorna ao Brasil, com o propósito de criação de um Teatro Negro.

Fundou o Teatro Experimental do Negro (TEN) em 1944, juntamente com Lea Garcia, Ruth de Souza, Aguinaldo de Oliveira, Claudiano Filho, Mercedes Batista, Solano Trindade, Arlinda Serafim, Haroldo Costa entre outros, mas antes havia fundado o Teatro do Sentenciado na Carandiru, penitenciária de São Paulo, “lá nós construíamos o Palco, fazíamos o Vestuário. Éramos só homens e fazíamos as vestimentas de mulheres, tinha até uma Carmem Miranda que também fazia um Lampião”<sup>4</sup>, recordando as peças teatrais durante a ocasião em que fora preso por infração disciplinar no exército: “Foi uma reação extraordinária a receptividade, a reação dos presos, todos ali sentadinhos assistindo ao teatro...”, conclui. Levou quase três anos preso, até que o Supremo Tribunal Federal, tardiamente, soltou-o por não encontrar provas, e por entender que Abdias não poderia permanecer em uma penitenciária uma vez que fora julgado por um tribunal militar.

“Bom, o concreto nosso é a estréia. Queremos estreiar no Teatro Municipal”, dizia Abdias, juntamente com uma comissão, ao presidente Getúlio Vargas em 1945. Havia para o grupo uma espécie de simbolismo adentrar num espaço onde os negros não entravam nem como artistas e nem como platéia, apenas como faxineiros. “E ele, para a minha surpresa, não só apoiou a ideia, como mandou que se reservasse a data que eu escolhesse para a estréia do Teatro Negro”. Assim, no dia 8 de maio de 1945 - momento em que o mundo vivia a tensão da segunda guerra mundial com as forças nazistas – o TEN estreava o seu primeiro espetáculo no Teatro Municipal, do Rio de Janeiro.

“O Teatro Experimental do Negro foi o primeiro elemento do movimento afro-brasileiro a ligar, na teoria e na

prática, o conceito intrinsecamente político da afirmação e do resgate da cultura-africana brasileira, com a atuação política ostensiva”<sup>5</sup>, relata Elisa Larkin, sua esposa.

O TEN não se restringia somente ao palco, mas se propunha a “trabalhar pela valorização do negro no Brasil através da educação, da cultura e da arte”, como definia Abdias, promovendo, assim, mecanismos de interferências político-sociais, que partiam desde o ‘Curso de Alfabetização e Iniciação Cultural’ às ações como o Concurso da Rainha das Mulatas e Bonecas de Pixe nas décadas de 40 e 50, a Convenção Nacional do Negro (1945) na qual lança o seu *Manifesto à Nação Brasileira* propondo a criminalização do preconceito racial no país para ser encaminhado para a Constituinte de 1946, a Conferência Nacional do Negro (1949), o I Congresso do Negro Brasileiro (1950), Competição Plástica Cristo Negro (1955), a Semana do Negro (1955) e a Edição da Revista Quilombo, em 1961, entre outras atividades. “O TEN nunca foi só um grupo de Teatro, era uma verdadeira frente de luta”<sup>6</sup>, revela.

A partir do Golpe de 1964, a censura impediu a continuidade das atividades do TEN e, com a repressão política, as estratégias de ação da entidade ficaram restritas. Em 1968, com a intensa repressão instituída pelo AI-5, foi obrigado a deixar o país acusado de fazer ligação entre o movimento negro e os grupos de esquerda.

O exílio dá início a outra fase na vida de Abdias, agora, em uma luta internacional organizada e Pan-africanista. Suas contribuições sempre propuseram uma discussão sobre os modelos sócio-racial-ibero-latino. Recebido nos EUA, pelo Sr Bobby Sale, presidente dos *Panteras Negras*, Abdias também manteve contato direto com o poeta Amiri Baraka e Stokely Carmichael, criador conceitual do *Black Power*. Para ele, a militância pró-causa negra eram as mesmas, a diferença se dava pela liberdade de expressão conquistada nos Estados Unidos para lutar sem “a mordada da democracia racial de esquerda ou de direita no Brasil”.

A experiência desenvolvida com o TEN, aqui no Brasil, rendeu-lhe o convite como professor

<sup>3</sup> Idem. p. 78.

<sup>4</sup> Ibidem. p.116.

<sup>5</sup> NASCIMNETO, Elisa Larkin. Pan-africanismo na América do sul. Rio de Janeiro: Editora Vozes/Ipeafro.

<sup>6</sup> SEMOG, Elé. *Abdias Nascimento: o griô e as muralhas*. p. 128



visitante na Yale School of Drama e a Wesleyan University, em Middletown, Connecticut. A Universidade do Estado de Nova York, em Búfalo, convidou-o como professor associado, no Departamento de Estudos Porto-Riquenhos e, após dois anos, foi promovido a professor catedrático. Também foi professor no Departamento de Línguas e Literaturas Africanas da Universidade Obafemi Awolowo, Ilé-Ifé, Nigéria (1976-77).

A contínua denúncia sobre o racismo no Brasil feita por Abdias fora do país gerava certo sentimento de ira e constrangimento para os dirigentes brasileiros, “*na ânsia de tornar invisíveis, inverossímeis e extemporâneos as denúncias sobre o cotidiano de opressão, pobreza e exclusão impostas aos afro-brasileiros por séculos a fio, empenhou-se de todas as formas a tentativa de calar o professor Abdias Nascimento*”<sup>7</sup>, depõe seu biógrafo e amigo Elé Semog.

Eleito vice-presidente do II Congresso de Cultura Negra das Américas, no Panamá (1980), chegou ao Brasil em 1981 com a missão de organizá-lo. Fundou o IPEAFRO – Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (1982), exerceu seu primeiro mandato como Deputado Federal (1983-1986) e Senador (1997-2000), voltando-se para as causas anti-racistas. Em 1999, assumiu a nova Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania do Governo do Estado do Rio de Janeiro.

“*Eu tinha um contato direto com a pobreza, morando na pobre Penha daquela época, mas foi o Abdias que me ensinou a compreender as causas daquela pobreza.*”<sup>8</sup> Augusto Boal.

Abdias do Nascimento se despediu do Ayê rumo ao Órum no dia 24 de maio deste ano de 2011. Aqui deixou um exemplo de vida dedicada à emancipação de um país em desenvolvimento, uma obra rica e vasta ainda a espera de críticos insubornáveis, e um caminho que se pode trilhar com menos percalços, antes, encontrados por ele, no desafio de pensar um país para todos e todas.

“*Tempo de viver / (ensina Ajacá) / é tempo de morrer / uns já estão mortos / vivendo / nós estaremos vivos / morrendo*” Abdias Nascimento.

<sup>7</sup> Idem, p.171

<sup>8</sup> [http://www.abdias.com.br/o\\_que\\_falam/falam.htm](http://www.abdias.com.br/o_que_falam/falam.htm)

<sup>9</sup> *Orixás: os Deuses Vivos da África / Orishas: the Living Gods of*

## PRÊMIOS E ORDEM DO MÉRITO<sup>10</sup>

Em 2001, o Centro Schomburg de Pesquisa das Culturas Negras, Biblioteca Pública Municipal de Nova York em Harlem, entrega-lhe o Prêmio da Herança Africana Mundial. Recebe o prêmio UNESCO na categoria “Direitos Humanos e Cultura” (2001) e o Prêmio Comemorativo da ONU por Serviços Relevantes em Direitos Humanos (2003).

No Ano Internacional de Celebração da Luta contra a Escravidão e de sua Abolição (2004), a UNESCO cria o prêmio único Toussaint Louverture para reconhecer dois intelectuais ativistas, Abdias Nascimento e Aimé Cesaire, que dedicaram suas vidas à luta contra o racismo e a discriminação racial.

Em 2006, o Presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, condecora Abdias Nascimento com a Ordem do Rio Branco no grau de Comendador. Em 2007, o Ministério da Cultura lhe outorga a Grã-Cruz da Ordem do Mérito Cultural; em 2009 recebe do Ministério do Trabalho a Grã Cruz da Ordem do Mérito do Trabalho. Todos os três são as mais altas honrarias do Governo Federado do Brasil em suas respectivas áreas.

O Conselho Nacional de Prevenção da Discriminação, do Governo Federal do México, outorga-lhe prêmio em reconhecimento à sua contribuição destacada à prevenção da discriminação racial na América Latina (2008).

É Doutor Honoris Causa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Universidade Federal da Bahia; Universidade de Brasília; Universidade do Estado da Bahia; Universidade Obafemi Awolowo, Ilé-Ifé, Nigéria.

Abdias do Nascimento é descrito como o mais completo intelectual e homem de cultura do mundo africano do século XX.

Seu nome foi indicado oficialmente para receber o Prêmio Nobel da Paz de 2010.

---

*Africa in Brazil*. Rio de Janeiro/ Philadelphia: Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros/Temple University Press, 1995.

<sup>10</sup> <http://www.iara.org.br/site2/newsletter/03%20ABDI-AS%20NASCIMENTO%20BIOGRAFIA%20RESUMIDA.pdf>



**OBRAS PUBLICADAS SELECIONADAS****Livros**

*O Griot e as Muralhas*, com Éle Semog. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

*Quilombo: Edição em fac-símile do jornal dirigido por Abdias do Nascimento*. São Paulo: Editora 34, 2003.

*O quilombismo*, 2a ed. Brasília/ Rio de Janeiro: Fundação Cultural Palmares/ OR Produtor. Editor, 2002.

*O Brasil na Mira do Pan-Africanismo*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais/ Editora da Universidade Federal da Bahia EDUFBA, 2002.

*Orixás: os Deuses Vivos da África/ Orishas: the Living Gods of Africa in Brazil*. Rio de Janeiro/Philadelphia: Ipeafro - Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros / Temple University Press, 1995.

*A Luta Afro-Brasileira no Senado*. Brasília: Senado Federal, 1991.

*Nova Etapa de uma Antiga Luta*. Rio de Janeiro: Secretaria Extraordinária de Defesa e

Promoção das Populações Negras – SEDEPRON, 1991.

*Africans in Brazil: a Pan-African Perspective*, com Elisa Larkin Nascimento. Trenton: AfricaWorld Press, 1991.

*Brazil: Mixture or Massacre*, trad. Elisa Larkin Nascimento. Dover: The Majority Press, 1989.

*Combate ao Racismo*, 6 vols. Brasília: Câmara dos Deputados, 1983-86. (Discursos e projetos de lei.)

*Povo Negro: A Sucessão e a "Nova República"*. Rio de Janeiro: Ipeafro, 1985.

*Jornada Negro-Libertária*. Rio de Janeiro: Ipeafro, 1984.

*A Abolição em Questão*, co-autoria com José Genoíno e Ari Kffuri. Sessão Comemorativa do 96o Aniversário da Lei Áurea (9 de maio de 1984). Brasília: Câmara dos Deputados, 1984.

*Axés do Sangue e da Esperança: Orixis*. Rio de Janeiro: Achiamé e RioArte, 1983 (Poesia).

*Sitiado em Lagos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

*O Quilombismo*. Petrópolis: Vozes, 1980.

*Sortilégio II: Mistério Negro de Zumbi Redivivo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979 (Peçateatral).

*Sortilege: Black Mystery*, trad. Peter Lownds. Chicago: Third World Press, 1978.

*Mixture or Massacre*, trad. Elisa Larkin Nascimento. Búfalo: Afrodiaspora, 1979.

*O Genocídio do Negro Brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

*"Racial Democracy" in Brazil: Myth or Reality*, trad. Elisa Larkin Nascimento, 2a ed. Ibadan: Sketch Publishers, 1977.

*"Racial Democracy" in Brazil: Myth or Reality*, trad. Elisa Larkin Nascimento, 1a ed. Ile-Ife: University of Ife, 1976.

*Sortilégio (mistério negro)*. Rio de Janeiro: Teatro Experimental do Negro, 1959. (Peça teatral.)

**Organização de antologias, revistas, e obras coletivas**

*Thoth: Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes*, nos. 1-6. Brasília: Senado Federal, 1997-98.

*Afrodiaspora: Revista do Mundo Africano*, nos. 1-7. Rio de Janeiro: IPEAFRO, 1983-86.

*O Negro Revoltado*, 2a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

*Journal of Black Studies*, ano 11, no. 2 (dezembro de 1980) (número especial sobre o Brasil).

*Memórias do Exílio*, org. em colaboração com Paulo Freire e Nelson Werneck Sodré. Lisboa: Arcádia, 1976.

*Oitenta Anos de Abolição*. Rio de Janeiro: CADERNOS BRASILEIROS, 1968.

*Teatro Experimental do Negro: Testemunhos*. Rio de Janeiro: GRD, 1966.

*Dramas para Negros e Prólogo para Brancos*. Rio de Janeiro: TEN, 1961.

*Relações de Raça no Brasil*. Rio de Janeiro: Quilombo, 1950.

**EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS**

01. The Harlem Art Gallery, Nova York, 1969.

02. Crypt Gallery, Columbia University, Nova York, 1969.

03. Yale University School of Art and Architecture, New Haven, 1969.

04. Malcolm X House, Wesleyan University, Middletown, CN, 1969.

05. Gallery of African Art, Washington DC, 1970.

06. Gallery Without Walls, Buffalo, NY, 1970.

07. Centro de Estudos e Pesquisas Portorriquenhos, Universidade do Estado de Nova York, Buffalo, 1970.

08. Departamento de Estudos Afro-Americanos, Harvard, Cambridge, MA, 1972.



09. Museu da Associação Nacional de Artistas Afro-Americanos, Boston, 1971.
10. Studio Museum in Harlem, Nova York, 1973.
11. Langston Hughes Center, Buffalo, NY, 1973.
12. Fine Arts Museum, Syracuse, NY, 1974.
13. Galeria da Universidade Howard, Washington DC, 1975.
14. Inner City Cultural Center, Los Angeles, 1975.
15. Ile-Ife Museum of Afro-American Culture, Philadelphia, 1975.
16. Galeria do Banco Nacional, São Paulo, Brasil, 1975.
17. Galeria Morada, Rio de Janeiro, Brasil, 1975.
18. Museu de Artes e Antiguidades Africanas e Afro-Americanas, Center for Positive Thought, Buffalo, NY, 1977.
19. El Taller Boricua e Caribbean Cultural Center, Nova York, 1980.
20. Galeria Sérgio Milliet, Fundação Nacional das Artes - FUNARTE, Ministério da Cultura, Rio de Janeiro, Brasil, 1982.
21. Palácio da Cultura (Prédio Gustavo Capanema), Ministério da Cultura, Rio de Janeiro, Brasil, 1988.
22. Salão Negro, Congresso Nacional, Brasília, DF, 1997.
23. Galeria Debret, Paris, 1998.
24. Arquivo Nacional (antiga Casa da Moeda), Rio de Janeiro, 2004-2005.
25. Galeria Athos Bulcão, anexo ao Teatro Nacional, Brasília, DF, 2006.
26. Caixa Cultural Salvador / II Conferência Mundial dos Intelectuais Africanos e da Diáspora, 2006.
27. IV Bienal da União Nacional dos Estudantes (UNE), Rio de Janeiro, 2007

